



**DIREITO E LITERATURA: PENSANDO OS PROCESSOS MIGRATÓRIOS
A PARTIR DE RAGTIME, DE E. L. DOCTOROW**

**RIGHTS AND LITERATURE: THINKING ABOUT MIGRATION
PROCESSES THROUGH RAGTIME, BY E. L. DOCTOROW**

¹Márcia Letícia Gomes

RESUMO

Ragtime, de E. L. Doctorow retrata a entrada dos Estados Unidos no século XX. Um dos pontos abordados na obra é a presença do imigrante que, mesmo como integrante da formação do país, é visto como elemento negativo na sociedade norte-americana. Os estrangeiros eram, conforme o romance aqui discutido, desprovidos de qualquer espécie de direitos. Ragtime transpassa as fronteiras do romance histórico tradicional, sinalizando uma proximidade com o pós-modernismo abalizado pela ausência de longas narrativas, fragmentação, descontinuidade e esmaecimento dos afetos. Nesse sentido, o artigo ora apresentado versa sobre o tratamento dado aos processos migratórios na obra ficcional em estudo, considerando-a romance histórico. O estudo é feito a partir de autores como Linda Hutcheon e Stuart Hall.

Palavras-chave: Ragtime, Migração, Direitos

ABSTRACT

Ragtime, by E. L. Doctorow describes the United States of America in the beginning of twentieth century. The novel focuses on the migration process in the forming of the country. The immigrant appears, there, as a negative element in the North American society. The foreigners didnt have rights. Ragtime is not a conventional historical novel, because it was written in a postmodern way there arent long narratives, and there are fragmentation, discontinuation and fading affects. In this way, this article thinks about migration on the novel a historical romance. Linda Hutcheon and Stuart Hall contribute to analyze the novel.

Keywords: Ragtime, Migration, Rights

¹ Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande (Brasil).
Professora pelo Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Rondônia – IFRO, Rondônia (Brasil).
E-mail: marcialeticia200@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Ragtime (1975) é uma obra de ficção histórica escrita pelo norte-americano Edgar Lawrence Doctorow (1931) (E.L. Doctorow). Temporalmente situado entre o início do século XX e a entrada dos Estados Unidos na Primeira Grande Guerra (1917), a novela relaciona figuras ficcionais com históricas, como Ford, J.P. Morgan e Freud, entre outros, em uma estrutura narrativa que contempla personagens, eventos e ideias importantes na história norte-americana.

Nesse cenário, é retratado o tema da migração, do intenso processo de entrada de europeus em território norte-americano. Nesse sentido, o presente estudo se pretende uma análise da obra *Ragtime*, de E. L. Doctorow, com foco no tema migração, especialmente na maneira com que é abordado no romance. Para tal, o pensamento de Linda Hutcheon e de Stuart Hall contribui para as considerações feitas.

RAGTIME E O TEMA MIGRAÇÃO NO ROMANCE PÓS-MODERNO

Em *Ragtime* podemos pensar os processos migratórios na Nova York do início do século XX. É interessante notar, relacionado a este tema, a manifestação de um pensamento negativo com relação ao imigrante, marginalizado naquela sociedade, a ponto de o início do romance já trazer a seguinte fala “Não existiam negros. Não existiam imigrantes” (DOCTOROW, 1975, p. 11). Logo em seguida, lemos que “Aparentemente os negros existiam. E também os imigrantes” (DOCTOROW, 1975, p. 12).

Nesses diálogos iniciais nos aproximamos de como era sentida a presença dos imigrantes pelos locais. Existiam, mas era como se não existissem, eram indesejados naquele meio, apesar de suas tentativas de integração ao grupo. Veja: “[...] a população de imigrantes fazia muita questão de possuir a bandeira americana” (DOCTOROW, 1975, p. 18).

Nota-se, no símbolo evocado, a bandeira do país de acolhimento, o esforço do migrante por se fazer integrar naquele novo ambiente, por sentir-se parte, por atuar naquele novo mundo. No pensar de Hasse (2007, p. 77): “De fato, para se fixar num território novo, ainda que temporariamente, o migrante precisa manter uma boa relação com o meio ambiente, nele incluídos os humanos já estabelecidos”.



O imigrante europeu, nos Estados Unidos, buscava essa boa relação com o meio ambiente, com o grupo local. A caracterização do estrangeiro, no romance, é feita da seguinte forma:

Cheiravam a peixe e alho. Ostentavam feridas abertas. Não tinham amor próprio e trabalhavam por quase nada. Roubavam. Bebiavam. Violentavam as próprias filhas. Matavam-se tranquilamente uns aos outros. Entre os que mais os desprezavam, contavam-se os irlandeses de segunda geração, cujos pais haviam sido culpados dos mesmos crimes. Garotos irlandeses puxavam as barbas dos velhos judeus, atiravam-nos ao chão, e viravam os carrinhos dos vendedores italianos (DOCTOROW, 1975, p. 19).

A citação acima foi extraída de um momento do romance em que são retratados os imigrantes da Itália, predominantemente, e do leste europeu, em menor número. Consta que quando chegavam, de lancha, a Ellis Island, nos Estados Unidos, eram acomodados numa espécie de “armazém humano” e etiquetados como mercadorias antes de se apresentarem aos funcionários da imigração.

Nessas passagens, é notório o déficit de direitos que encontraram os imigrantes europeus ao chegarem aos Estados Unidos no início do século XX. Indesejados, tratados como mercadorias, representavam apenas uma força de trabalho, nada além disso. Diante do quadro a nós apresentado por Doctorow, em *Ragtime*, fica o questionamento, em que medida o cenário mudou? Embora o presente estudo tenha por objetivo analisar a questão da migração no romance, ao tratar do tema delimitado, inevitável pensar as questões pertinentes à migração na atualidade.

Assim é que vão sendo pensadas, a partir do romance, as relações entre os processos migratórios ao longo do tempo e o Direito Internacional dos Direitos Humanos, haja vista que a migração transnacional tem trazido desafios ao referido campo, a violência e as mortes exigem respostas imediatas, é necessária a proteção aos Direitos Humanos dos migrantes, à dignidade humana de cada um deles. Para Trindade (2003) os acontecimentos, em senda de migração, ocorridos entre os séculos XIX e XX, devem sinalizar, como possível solução, para a universalização dos Direitos Humanos.

Um dos fragmentos que conduz a uma reflexão no presente é: “Muita gente acreditava que sujeira, fome e doença eram o que os imigrantes mereciam por sua degradação moral” (DOCTOROW, 1975, p. 21). Vale ressaltar que o conceito de degradação moral era construído pelo local e empregado para rotular o imigrante. Resulta desse pensamento a absorção dos imigrantes pelos cortiços, em condições precárias de

sobrevivência: “Os deprimentes cortiços de madeira estendiam-se em filas infindáveis. Encontravam-se ali todos os povos europeus – italianos, poloneses, belgas, judeus, russos. Não havia entendimento entre os diferentes grupos” (DOCTOROW, 1975, p. 98).

A leitura do referido fragmento conduz a reflexão para a situação atual dos haitianos no Brasil, amontoados, grande número deles em pequenos espaços, em busca de emprego, lutando por sua sobrevivência e pela sobrevivência das famílias deixadas na terra natal.

Antes de abordar outras questões específicas que constam do romance, estabelecendo relação com os modernos movimentos migratórios, cumpre ressaltar que E. L. Doctorow é responsável por aquele que é considerado o romance pós-moderno por excelência, o objeto do presente estudo - *Ragtime*. Tal classificação lhe foi atribuída pela maneira inovadora de narrar, que rompe com a estética tradicional, trazendo a fragmentação e as discontinuidades para a construção da narrativa (HUTCHEON, 1991).

Nesse pensar, *Ragtime* traz consigo duas características que sinalizam a pós-modernidade, a saber: o fim das grandes narrativas e o esmaecimento dos afetos. Dono de tais singularidades a seu tempo, nota-se que sua estrutura se afasta do romance histórico clássico, no entanto, os eventos históricos permeiam a narrativa e são engolfados pela estética vanguardista do autor que ora discutimos. No pensar de Hutcheon (1991, p. 136): “Na ficção pós-moderna, o literário e o historiográfico são sempre reunidos – e normalmente com resultados desestabilizadores, para não dizer desconcertantes”.

Assim, o romance em estudo traz, em fragmentos, elementos da história dos Estados Unidos em 1900. Sabe-se que os ingleses foram os responsáveis pelo início da colonização do território no século XVII. Perseguidos no Velho Mundo, protestantes atravessaram o Atlântico atrás da sua “Terra Prometida”. Logo os holandeses conseguiram comprar por 25 dólares a ilha de Manhattan e fundaram a Nova Amsterdam – onde hoje é Nova Iorque. No mesmo período começam a chegar os primeiros africanos, vindos como escravos.

O interior das Treze Colônias é, no século seguinte, povoado por irlandeses e escoceses, que são rapidamente assimilados pela cultura inglesa. Ao passo que o colonizador expandia ao Oeste, nações nativas são dizimadas, enquanto territórios franceses e espanhóis são incorporados à nova sociedade que emergia.

Entre meados de 1800 e o início de 1900 inúmeras outras nacionalidades aportam nos Estados Unidos. A pobreza e guerras locais assolam cada vez mais os habitantes do continente europeu.



A onda de fome empurra mais uma leva de irlandeses ao Novo Mundo. Fatores religiosos e econômicos movem os alemães. Franceses vindos do Canadá, italianos, europeus do Leste e asiáticos seriam outros tantos a tentarem “fazer a América”.

Stuart Hall (2003, p. 55) reflete sobre as razões por traz dos movimentos migratórios ao afirmar que:

As pessoas têm se mudado por várias razões – desastres naturais, alterações ecológicas e climáticas, guerras, conquistas, exploração do trabalho, colonização, escravidão, semi-escravidão, repressão política, guerra civil e subdesenvolvimento econômico. Os impérios, produtos de conquista e dominação, são frequentemente multiculturais.

Nesse sentido, cada um daqueles que chega, traz consigo uma carga de experiências e crenças que, em certa medida, se mesclarão àquelas que ele encontra em seu novo lugar. Doctorow, no romance ora discutido, traz, também, informações sobre um amplo processo migratório que constou da mudança de um número significativo de europeus para a América do Norte em busca do eldorado, em busca de novas oportunidades. No entanto, não era apenas a busca que os motivava mas, principalmente, a impossibilidade de permanecer em seus países.

Para Hutcheon (1991, p. 170): “Os Estados Unidos (como o restante da América do Norte e do Sul) são uma terra de imigração”.

O trabalho dos estrangeiros, nessas condições, foi absorvido pelas indústrias. Vivia-se, então, a segunda fase da Revolução Industrial cujo símbolo eram as estradas de ferro:

Trilhos! Trilhos! Aos visionários que escreviam para as revistas populares parecia que o futuro se encontrava no extremo das linhas paralelas. Havia estradas de ferro estendendo-se a longa distância, ferrovias elétricas interurbanas, vias urbanas, elevados lançando suas linhas de aço sobre a terra, ziguezagueando como a contextura de uma infatigável civilização. E em Boston e Nova York havia até estradas de ferro sob as ruas, novos sistemas de transporte rápido subterrâneo, carreando diariamente milhares de pessoas (DOCTOROW, 1975, p. 79).

Esse momento da Revolução Industrial teve início nos Estados Unidos no final do século XIX e início do XX e constou da criação e difusão do uso de novas tecnologias. As máquinas industriais foram aperfeiçoadas, tornando-se mais eficientes, o que resultou

em sistemas de produção mais eficazes, com maior produtividade e redução de custos, exemplo disso é a tendência que ficou conhecida como fordismo, em decorrência do nome de seu idealizador e que também é explorada no romance *Ragtime*.

Nesse período, ainda, o petróleo e a energia elétrica figuram como as principais fontes de energia e registram-se avanços na área das telecomunicações, a exemplo de telefone e rádio.

No entanto, de acordo com o romance, apesar da expansão das indústrias, em dado momento, a maior delas – American Wollen Company que, portanto, tinha número significativo de funcionários, anuncia uma redução nos salários, ao que os italianos convocam uma greve o que, ao mesmo tempo gera esperança e terror nos imigrantes europeus. “Tateh ficou radiante. Íamos morrer de frio ou de fome, disse à filha. Agora seremos fuzilados” (DOCTOROW, 1975, p. 99).

Assim, por mais que estivessem indignados com a redução de seus salários, o medo reinava entre eles por ocasião da greve, tal medo era derivado, diretamente, de sua condição de estrangeiros. Nesse momento de insegurança, de acordo com a narrativa, membros do sindicato dos tecelões, que sabiam organizar uma greve, auxiliam com orientações. Em uma passagem pitoresca do romance, é narrada a chegada de um dos líderes da greve, um norte-americano que substituiria um italiano que fora preso. Assim:

Do trem saltaram Big Bill Haywood, o mais famoso de todos os líderes. Vinha do oeste e usava chapelão, que tirou da cabeça para acenar. Um aplauso brotou da multidão. Haywood ergueu as mãos, pedindo silêncio, e falou. Sua voz era magnífica. Aqui não há estrangeiros, exceto os capitalistas, declarou (DOCTOROW, 1975, p. 99).

Na situação de greve, de luta, é pela primeira vez narrada no romance uma tentativa de inclusão, movida por ideais defendidos por todo aquele grupo no âmbito do trabalho. O evento e suas consequências trazem uma importante questão a respeito do estrangeiro e do mundo do trabalho, o trabalho do migrante é tema que gera amplos debates que perpassam casos de exploração e, até mesmo, de escravidão e que já requeriam atenção no início do século XX e o requerem ainda hoje.

Chama a atenção, além do tema trabalho, a questão das crianças, dos filhos dos trabalhadores estrangeiros. A greve, aos poucos, vai ganhando espaço e, também, as páginas dos noticiários. No romance: “[...] a greve se tornou famosa. Repórteres chegavam diariamente de todo o país” (p. 100). Mas um ponto de enfraquecimento na



vontade dos grevistas residia no zelo e no sustento de suas famílias e aí então surgiu a ideia de os filhos dos grevistas, ao longo da greve, serem abrigados e receberem cuidados de simpatizantes da greve, o que ficou conhecido como “cruzada das crianças”, em que as famílias que se dispunham eram investigadas pelo movimento grevista, e os pais davam autorização para que seus filhos pudessem ser deixados aos cuidados da família provisória.

A experiência teve início. Mulheres ricas vieram de Nova York para escoltar a primeira centena que viajaria de trem. Cada criança passava por um exame médico e vestia roupas novas. Chegaram à Grand Central Station, em Nova York, como um exército religioso. Eram recebidas por uma multidão e houve um momento em que todos manusearam a foto de crianças de mãos dadas, olhando relutantes para a frente, como se encarassem o medonho destino industrial que a América lhes havia preparado (DOCTOROW, 1975, p. 101).

Foi ampla a cobertura dada pela mídia ao evento, ao que ficou evidente para os proprietários de fábricas de Lawrence que a cruzada das crianças era, dos estratagemas empregados pelos grevistas, o mais forte.

Se permitissem seu prolongamento, a opinião pública se inclinaria para os operários e os patrões teriam de ceder. Isto significaria um aumento salarial que levaria certos trabalhadores a oito dólares semanais. Ganharia extra pelas horas que trabalhassem além do expediente e por aceleração do ritmo de trabalho. E não seriam punidos pela greve, o que era um absurdo. Os proprietários sabiam que eram os administradores da civilização e a fonte do progresso e prosperidade da cidade de Lawrence. Pelo bem do país e do sistema democrático americano, decidiram que não haveria mais cruzadas de crianças (DOCTOROW, 1975, p. 101).

O fragmento acima mostra claramente como estavam estabelecidas as relações de poder. Os proprietários das fábricas se autointitulavam administradores da civilização, não poderiam deixar que os grevistas impedissem o progresso. Cumpre observar que aos operários eram negados os direitos mais básicos, seus direitos na condição de trabalhadores e, ainda, direitos humanos.

Ao migrante, não raro, é negada a mínima condição, é negada a dignidade; o migrante econômico, após longa e custosa viagem, submete-se às mais indignas condições de trabalho, pois necessita enviar dinheiro à família e sobreviver no novo país; o refugiado, ainda pior, não tem opção, não tem para onde voltar e vê os direitos lhe sendo negados sem que possa agir contra isso. O impedimento para agir decorre de sua condição

de ‘infra cidadãos’, na percepção de De Lucas (2010), não sendo cidadãos em sentido pleno, não lhes é oportunizada a condição de ação.

Voltando ao enredo do romance, a maneira de colocar um fim à cruzada das crianças é ainda mais assustadora, já que os donos das fábricas conseguiram com o delegado uma autorização para que a polícia proibisse as crianças de saírem de Lawrence, o que foi feito com extrema violência enquanto as crianças e as famílias que as receberiam esperavam pelo trem que os levaria. As crianças: “Estavam todas de joelhos, segurando o corpo prostrado e ensanguentado dos pais. Choravam” (p. 103).

Após a intervenção policial e toda a dor que derivou daquele evento, os operários finalmente tiveram seus pedidos atendidos, a greve havia surtido os efeitos desejados. No entanto, é triste a conclusão a que chega o operário Tateh: “O sindicato dos operários venceu, disse consigo mesmo. Mas o que conseguiu? Alguns centavos de aumento nos salários? Passará a ser dono das fábricas? Não” (DOCTOROW, 1975, p. 106).

Assim, a despeito da vitória dos operários, em sua maioria imigrantes, a personagem conduz o leitor a uma constatação inevitável, as relações de poder estabelecidas não mudariam após aquela vitória do sindicato. Os operários continuariam sendo subalternizados e desrespeitados em sua condição humana.

Em alguns momentos, temos uma visão do que seria o olhar imperial, o olhar do dominador sobre o outro, sobre o subalternizado. Um fragmento em que tal característica se potencializa, no romance ora comentado, ocorre quando o chefe de uma expedição, para analisar a vida no Ártico, uma espécie de marcha polar, comenta uma cena protagonizada por esquimós no navio e que fora por ele observada:

Mas aquela noite gelada de inverno parecia conter uma força que agarrava pelo pescoço e forçava a pessoa a encará-la. As famílias esquimós viviam espalhadas pelo navio, acampando nos tombadilhos e nos porões. Não eram discretas no seu relacionamento. Copulavam sem se despir através de fendas nas peles e entregavam-se à prática com grunhidos e gritos de feroz alegria. Um dia, Papai encontrou um casal e se escandalizou ao ver que a mulher erguia os quadris em resposta aos avanços do marido. Uma estranha canção animalesca emergia-lhe da garganta. Isto era algo que não poderia anotar no diário, exceto numa espécie de código. A mulher estava realmente fazendo pressão contrária e ele ficou abismado ao vê-la reagir assim. Aquela suja e desdentada mulher esquimó, de rosto achatado e olhos oblíquos, impelidos pelos ossos faciais, cantava e reagia. E lembrou-se da exigência de Mamãe, do seu requinte e inteligência, ressentindo-se pelo fato de aquela mulher primitiva fazer parte do gênero feminino (DOCTOROW, 1975, p. 63).



Note que o outro, nesse caso, o esquimó, é zoomorfizado, seus hábitos são mostrados como animais, como se fossem seres inferiores aos demais seres humanos, já que naquele momento são caracterizados como sendo guiados apenas por seus instintos.

A referida passagem e as reflexões que dela podemos extrair têm conexão com o cenário dos processos migratórios em que um problema predominante é o “outro”, o “diferente”, o “exótico” e sua razão de estar ali afrontando os costumes instituídos e conhecidos por todos os locais.

Bhabha (1998) trata das ‘vidas na fronteira’ pelo viés do trânsito, da refiguração das noções de espaço e tempo e, decorrente disso, as novas imagens de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão. Nesse contexto, as categorias conceituais e organizacionais básicas são reformuladas e negociadas as experiências coletivas de nação, de interesse comunitário e de valor cultural; há conflitos, diálogos e as noções seguras de nação, etnia, pertencimento e outras são deslocadas nesses interstícios surgidos das mudanças, no entre-lugar.

Para Bhabha (1998, p. 21): “A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria, é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismos culturais que emergem em momentos de transformação histórica”.

O imigrante se apresenta como uma ameaça, ele rompe os padrões instituídos e aceitos, afeta a “normalidade”. Temos tratado o tema da migração como “novos direitos”, é certo que as configurações do fenômeno migratório mudaram ao longo do tempo, mas, há quanto tempo vem sendo negados os direitos aos migrantes? Em que medida é pensada a condição do trabalho do migrante?

No pensar de Said (2003, p. 49-50):

O nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio [...]. Em seus primeiros estágios, todos os nacionalismos se desenvolvem a partir de uma situação de separação. [...] todos os nacionalismos têm seus pais fundadores, seus textos básicos, quase religiosos, uma retórica do pertencer, marcos históricos e geográficos, inimigos e heróis oficiais. [...] Com o tempo, os nacionalismos bem-sucedidos atribuem a verdade exclusivamente a eles mesmos e relegam a falsidade e a inferioridade aos outros [...].

A base dos nacionalismos, portanto, se funda na oposição ao outro, na defesa do local face à diferença. “E logo adiante da fronteira entre ‘nós’ e os ‘outros’ está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados da humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas” (SAID, 2003, p. 50).

Aqui estão os “desplazados” mencionados por Homi Bhabha (2013), aqueles que deixam seu lugar pelo não-lugar, ou, na expressão do brasileiro Silviano Santiago (2000), o entre-lugar.

Refugiados, migrantes e deslocados internos misturam-se formando enormes levas de pessoas à procura de proteção que não lhes fora garantida, atribuindo um caráter heterogêneo aos fluxos migratórios. Desse modo, a identificação de uma ou mais causas imediatas depende da compreensão da origem destes movimentos, uma vez que o deslocamento pode iniciar a partir da ocorrência de graves violações de direitos humanos ou conflitos armados que, por seu turno, podem ser o resultado de uma cadeia de inúmeras manifestações de violência individual ou da insegurança criada por sucessivas crises sociais e políticas (JESUS, 2009, p. 23).

O migrante poderá ser incluído em duas categorias, a de migrante econômico, aquele que parte em busca de emprego e melhores salários e migrante forçado ou refugiado, aquele que foge de violações a direitos, perseguições e similares; é o direito quem determinará a que categoria pertence cada migrante. Dentro dessa perspectiva, vale destacar que o Direito e suas instituições, bem como as personagens que as compõem são, em conjunto, no romance, retratados como um grande teatro. Inicialmente são apresentadas as percepções de Evelyn sobre os atores:

Observadores jurídicos, de óculos e colarinho de celuloide, alisavam os bigodes. Todo mundo vestia roupa negra no tribunal. Evelyn espantou-se com o imenso grupo de pessoas ligadas à lei, que passavam a vida esperando convenções como aquela. Juízes, advogados e meirinhos, policiais, curadores e juristas – sabiam todos que haveria um julgamento para eles (DOCTOROW, 1975, p. 70).

Ora, as personagens do teatro são mostradas como seres autômatos, numa sucessão de repetições rotineiras. Havendo o cenário e os atores, Evelyn narra uma parte do espetáculo:



Evelyn observava-o à mesa dos advogados de defesa e perguntava a si mesma o que satisfaria aquele coração envaidecido. Harry mantinha a expressão facial ajustada ao depoimento. Quando surgia algo engraçado, sorria. Quando triste, baixava as pálpebras. Ao mencionarem o nome de Stanford White, franzia a testa. Postava-se em atitudes de contrição, alternadas com um erguer de cabeça confiante e até mesmo de ardente senso de justiça. Tal atividade exigia-lhe toda concentração. Ao entrar e sair do tribunal mostrava-se calmo e cortês, a própria imagem do equilíbrio (DOCTOROW, 1975, p. 70).

O tribunal é retratado como um teatro ou, ainda, um jogo, em que cada um conhece o papel a ser desempenhado e a posição a ocupar sem que haja maiores preocupações de caráter humanístico.

Sendo um romance, em essência, pós-moderno, vai-se constituindo um mosaico ao longo da narrativa. Não há linearidade e, aos poucos, ficção e história vão se entrelaçando. Um momento histórico mencionado é a mudança no modo de produção, a prática da linha de produção idealizada por Henry Ford. No entanto, a justificativa apresentada no romance para a nova maneira de operar na indústria automobilística era que:

Empregador de inúmeros homens, grande parte deles estrangeiros, há muito acreditava que a maioria dos seres humanos era demasiado idiota para ganhar corretamente a vida. E concebera a ideia de reduzir as operações na linha de montagem de um automóvel, aos gestos mais simples, de modo que qualquer tolo fosse capaz de executá-los (DOCTOROW, 1975, p. 109).

Mais uma vez o imigrante, o estrangeiro, é retratado como um ser inferior: idiota, tolo; incapaz de desempenhar atividades que exigissem raciocínio e compreensão de maneira um pouco mais elaborada. Nesse sentido, a literatura vem apresentar o pensamento vigente a respeito do estrangeiro naquela época. Ao que mais uma vez nos perguntamos, será que a percepção sobre o estrangeiro mudou ao correr do tempo ou ainda incorremos nos mesmos preconceitos. Em resumo, a proposição de Ford era “[...] não só as partes do produto seriam intercambiáveis, como os homens que construam o produto seriam, eles próprios, intercambiáveis” (DOCTOROW, 1975, p. 110).

Assim, o caráter humano dos indivíduos ia sendo cada vez mais desconsiderado em nome da produção, do lucro. O momento atual não apresenta grandes diferenças nesse sentido, haja vista que o trabalho do migrante, especialmente do imigrante ilegal é barato, o ilegal recebe menos que qualquer local pelas mesmas atividades o que oportuniza o

incremento do lucro à custa de jornadas de trabalho extenuantes daquele que não é protegido pelas leis nacionais no que tange ao trabalho, que não é sequer reconhecido como cidadão, que dirá protegido como tal.

Em seguida, é apresentada ao leitor a figura de Coalhouse Walker, o negro que não se comportava como tal, que se sentia à vontade em meio aos brancos também se destaca ao longo da narrativa. Não aceitando a posição a ele reservada naquela sociedade, Walker desafia os costumes e, assim, ganha o respeito dos chefes da família que protagoniza o romance, nele nomeados apenas como Papai e Mamãe. Cumpre observar que respeitar Walker não significa ignorar os papéis sociais de negros e brancos, como em:

Um dia ocorreu a Papai que Coalhouse Walker ignorava ser negro. [...] Walker não agia nem falava como um homem de cor. Era capaz de transformar as costumeiras deferências praticadas pelos de sua raça, de modo a refletir sua própria dignidade e não a do interlocutor (DOCTOROW, 1975, p. 128).

Mas Walker tinha consciência de sua condição e do mal-estar que ela causava: “Sabia que, vestido como andava e proprietário de um carro, tornava-se uma provocação para muitos brancos. Crescera em meio a tais sentimentos” (DOCTOROW, 1975, p. 138).

Assim, o simples fato de Walker aparecer dirigindo um automóvel, a fineza de seus gestos, sua elegância ao piano, em conjunto, tornavam-no objeto de curiosidade e de especulação naquele meio social. A culminância disso ocorre quando Walker, dirigindo por uma rua comum, ao passar em frente a uma base dos bombeiros, é interceptado por alguns deles que exigem pedágio para que o motorista continue; tendo se negado a pagar, vê seu carro ser danificado e, ao reclamar, Walker é preso e não os bombeiros. O pianista exige que devolvam seu carro no estado em que se encontrava quando o interceptaram, mas nenhum advogado aceitou representá-lo. Em resumo: “Dava a impressão de que era ele o culpado, de certo modo, por ser negro” (DOCTOROW, 1975, p. 146).

O caso narrado ilustra a ausência de respeito ao outro e as tentativas de manter uma ordem em que figuram os dominantes e os subalternizados. Aqueles que ameaçam esta ordem são, de alguma forma, calados. Um dos desdobramentos do episódio é a morte de Sarah, noiva de Walker que, ao tentar se aproximar do vice-presidente para lhe relatar o caso, é severamente agredida por seus seguranças, não resiste aos ferimentos e morre.

Outro desdobramento foi uma guerra entre negros e brancos decorrente da caçada a Conklin – chefe dos bombeiros – que Walker empreendeu. A sede dos bombeiros



foi explodida pelo grupo de Walker, este último exigia que Conklin lhe fosse entregue e seu carro devolvido consertado. É só quando invadem a propriedade do milionário Morgan que Walker é atendido em seu pedido de recuperar o carro, mas seu fim é trágico e já não havia motivos para lutar, sua noiva estava morta e o filho deles era criado pela família da narradora do romance.

É nesse ponto do romance, quando a família da narradora vai para Atlantic City para se afastar do caso Walker, que a personagem Tateh – um dos imigrantes envolvidos na greve – reaparece no romance. Tateh, como desenhista, consegue ingressar no mundo do cinema e, ali, conquista sucesso e dinheiro.

Havia na América, nessa época, imigrantes europeus nobres, na maioria empobrecidos, que haviam viajado para o país anos antes, esperando unir seus títulos às trilhas dos *nouveau riches*. Assim, Tateh inventara para si mesmo um baronato. Isso o ajudou a circular num mundo cristão. Em lugar de destruir seu forte sotaque ídiche passou a usá-lo como um floreio. Tingiu o cabelo e a barba na sua cor original, o preto. Era um homem novo. Manejava uma câmara. Sua filha vestia-se como uma princesa. Queria afastar-lhe da memória todos os maus cheiros e a sujeira das ruas dos imigrantes. Compraria para ela a luz, o sol e o vento limpo do oceano pelo resto da vida. Ela brincava na praia com um menino bonito e bem educado. Dormia entre macios lençóis brancos, num quarto que se abria para um firmamento infinito (DOCTOROW, 1975, p. 202).

Note-se que Tateh, a despeito do sucesso conquistado, precisa construir uma nova identidade para si para ter uma vida agradável naquele meio, para usufruir do que conquistara com seu trabalho. A construção de uma identidade mais adequada para aquela sociedade deriva de sua condição de migrante, do não pertencimento a ele atribuído pelos membros do meio. Não importa o que seja real ou inventado, contanto que o indivíduo se adapte às normas estabelecidas ali: “E disse: Não sou barão, é claro. Sou um socialista judeu, da Latvia” (DOCTOROW, 1975, p. 245).

O vivido por Tateh ilustra o fato de que a migração internacional é um fenômeno que põe em contato pessoas de culturas diferentes; os migrantes são seres que ficam entre mundos, entre culturas (ROMERO, 2003); nem sempre os indivíduos migrantes encontram uma acolhida calorosa, o choque entre valores e culturas produz, não raro, hostilidade por parte dos locais em relação aos imigrantes, é o fenômeno da outridade e seus reflexos no convívio social.

Sabia que ninguém migra impunemente. Que o abandono da querência sempre custa caro. Na troca de uma terra por outra, perde-se um pouco e ganha-se outro tanto. Parte-se por necessidade econômica, para fugir da seca, do frio ou da fome, para escapar de conflitos ou pressões, renovar as raízes, buscar nova identidade. Nesse processo de avanços e recuos, perdas e ganhos, o que sobra é a própria memória; ou, então, uma cultura (HASSE, 2007, p. 84).

A união de Tateh com a personagem que é chamada ao longo do romance de Mamãe promove, também, outras uniões. Assim:

Certa manhã, Tateh, espiando pela janela do estúdio, viu as três crianças sentadas no gramado. Atrás delas, na calçada, um triciclo. Conversavam e tomavam sol. Sua filha, cabelos negros, o enteado de cabelos curtos, por quem era legalmente responsável e a criança negra. Súbito, ocorreu-lhe uma ideia para um filme. Um bando de crianças amigas, brancas, negras, gordas, magras, ricas, pobres, de todos os tipos, diabretes travessos que viveriam engraçadas aventuras em seu bairro, uma *gang*, envolvendo-se em encrencas e delas se livrando. Na verdade, desta visão resultou não um filme, mas vários. E a essa altura, a era do *Ragtime* esgotara-se com o pesado arquejar da máquina, como se a história não passasse de uma canção tocada numa pianola (DOCTOROW, 1975, p. 246).

A visão de Tateh, que fecha o romance, constitui-se uma visão utópica, representa uma esperança que vem contaminada pelo sofrimento que experienciara como estrangeiro. Ainda que nas telas dos cinemas, o imigrante judeu, agora barão, cineasta de sucesso, acredita no fim daquela era, a era do *ragtime* e acredita na inclusão, na integração representada pela imagem dos três jovens que, pelas mais diversas circunstâncias, a despeito das diferentes origens, agora conviviam, eram da mesma família.

Esse momento final de *Ragtime* leva a pensar que, a despeito de ser considerado um inaugurador de uma maneira nova de narrar, de uma maneira pós-moderna de narrar, publicado originalmente em 1975, se afasta dos que vieram depois dele, pois, frutificam, mais recentemente, ainda dentro da concepção pós-moderna de narrativa, as distopias; a perda da crença em dias melhores, a constatação de que tudo pode apenas piorar.

A metáfora empregada ao final da citação mencionada, refere-se à relação entre história e literatura, numa expressão da prática da metaficção historiográfica, nos termos definidos por Linda Hutcheon (1991, p. 145): “[...] a metaficção historiográfica procura desmarginalizar o literário por meio do confronto com o histórico, e o faz tanto em termos temáticos como formais”.



É ainda Hutcheon (1991, p. 147) quem observa que: “A ficção pós-moderna sugere que reescrever ou rerepresentar o passado na ficção e na história é – em ambos os casos – revelá-lo ao presente, impedi-lo de ser conclusivo e teleológico”.

Acrescentando a esse cenário a discussão das questões do âmbito do direito que perpassam a literatura, nota-se que, aqui, o papel da literatura consiste em levantar, por meio da liberdade de que consta a arte, questões para discussão. Questões que se apresentam de maneira fria ao direito, mas que, na literatura, podem ser tratadas por um viés mais humano e evadido das características sociais do fenômeno ali abordado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em *Ragtime* o tema da migração é trabalhado em consonância com vários eventos históricos que permearam a história dos Estados Unidos. No entanto, importante lembrar que os temas que podem ser discutidos a partir do romance não se restringem àquele cenário, podendo ser levadas a outros âmbitos, ganhando proporções mais amplas.

Não se quer dizer, com isso, que a literatura se destine exclusivamente a levantar questões de cunho social. A obra literária pode ser construída pautada exclusivamente nos caracteres artísticos, no trabalho com a linguagem e, ainda assim, evocar temas da realidade, da história, da vida das pessoas.

Em *Ragtime* temos o exemplo de um romance que vem sendo trabalhado predominantemente a partir de seu caráter estético, por conta de inaugurar uma nova estética, por trazer a fragmentação, o mosaico, os quadros que vão se sobrepondo para a narrativa do enredo, no entanto, não se isola nessas características pois, apesar de toda a inovação no conteúdo, conseguiu agregar o aspecto histórico e, ainda, despertar a consciência para temáticas que requerem atenção não apenas no momento da criação do romance, como também no momento atual.

Dentre tais temáticas, destacam-se, no âmbito deste artigo, o tema da migração e, mais especificamente, a condição do imigrante nos Estados Unidos no início do século XX, principalmente no que se refere ao trabalho e às condições de trabalho a eles destinadas e, ainda, as condições de vida, de moradia, de alimentação. Por um ponto de vista mais subjetivo, a discriminação, os preconceitos que filtravam o olhar direcionado ao estrangeiro também são retratados da obra e sensibilizam o olhar do leitor para a condição do migrante não apenas naquela época como, também, no momento atual.

Destaca-se, ainda, na narrativa, a condição do negro marginalizado e desrespeitado como ser humano naquele meio. Os acontecimentos que marcam a vida de Coalhouse Walker ocupam muitas páginas do romance e despertam o olhar para a condição do negro na sociedade americana no início do século XX e levam a pensar a condição do negro hoje, especialmente o negro migrante.

É a literatura, em sua condição de arte, sensibilizando o olhar do leitor para questões sociais, para questões de direito, para déficits de direito.

Referências

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.

BHABHA, Homi K. *Nuevas minorías, nuevos derechos* – notas sobre cosmopolitismos vernáculos. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2013.

DE LUCAS, Javier. Los inmigrantes como ciudadanos. In: *Gaceta Sindical: reflexión y debate*, nº 3, 2003, páginas 37-56. Disponível em: <www.dialnet.urinioja.es>. Acesso em 10 fev. 2010.

DOCTOROW, E. L. *Ragtime*. Rio de Janeiro: Record, 1975.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HASSE, Geraldo. “Meus caros pais”: uma trajetória migrante. In: CUNHA, Maria Jandyra Cavalcanti (et. al.). *Migração e identidade: olhares sobre o tema*. São Paulo: Centauro, 2007.

HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

JESUS, Tiago Schneider de. *Um novo desafio ao direito: Deslocados/Migrantes ambientais. Reconhecimento, proteção e solidariedade*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade de Caxias do Sul – UCS, 2009.

ROMERO, Carlos Giménez. *Qué es la inmigración*. Barcelona: RBA Libros, 2003.



SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SCHILLING, Voltaire. *América: a história e as contradições do império*. Porto Alegre: L&PM, 2004.

TRINDADE, Antônio Augusto Cançado. *Tratado de direito internacional dos direitos humanos*. Vol.III. Porto Alegre: Sérgio Antônio Fabris Editor, 2003.